

Jornal A Tribuna, de Santos (SP)

Quinta-feira, 23 de Julho de 2009



## **Mortes trágicas na adolescência**

*Da redação*

Os números são espantosos. Pesquisa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e do Unicef, órgão da ONU para questões da criança e do adolescente, mostra que 46% das mortes de jovens entre 12 e 18 anos de idade ocorrem por homicídio. Outro dado revela que, de cada 1 mil adolescentes brasileiros, dois morrerão de forma violenta antes de completar 19 anos. O trabalho abrange os 267 municípios com população acima de 100 mil habitantes, e relaciona aqueles onde a situação é mais grave. Foz do Iguaçu (PR), em razão do contrabando na fronteira com o Paraguai, lidera o ranking, com 9,7 mortes/ano para cada 1 mil jovens, vindo a seguir Governador Valadares (MG) e Cariacica (ES). Nenhuma cidade da Baixada Santista figura entre as piores, mas Guarujá, com 2,94 mortes/1.000, está na 62ª colocação, com índice acima do nacional (2,03) e estadual (1,42).

As causas do problema são bem conhecidas. Têm sido examinadas por autoridades e em fóruns especializados, mas, na prática, nada melhora. A verdade é que todo esse morticínio de pessoas na flor da vida digamos assim deriva de uma soma de fatores sobre os quais o poder público e a própria sociedade parecem ter perdido totalmente o controle. A prova está em não conseguirem reverter, ou sequer aliviar, o quadro crítico, nem mesmo onde existem condições. Impedir a desestruturação familiar, por exemplo, é algo que não se tem como fazer. Entretanto, um maior combate ao tráfico e ao consumo de drogas, um esforço para tornar a escola mais atrativa, de modo que os jovens se sintam estimulados a concluir sua formação profissional, e a criação de programas de integração social de moças e rapazes através do esporte, da música ou da cultura, são possíveis, sem dúvida. Tais iniciativas até são feitas, porém, não ainda com a amplitude e a persistência que deveriam ter. Faltam recursos, tanto aos projetos governamentais quanto aos das instituições privadas. Também não temos, em quantidade suficiente, pessoal capacitado a lidar com os jovens na base da compreensão e do entendimento, com firmeza e autoridade, sim, mas nunca prioritariamente por meio da repressão pura e simples. Se esses espaços vazios não são preenchidos de um jeito, o serão de outro. A explicação para tanta criminalidade e tantas mortes está aí, portanto.

Fala-se à exaustão sobre o tema, e é bom que se fale e se avalie as diferentes opiniões a respeito. Todavia, não podemos ficar só na teoria, quando o cenário dramático está a exigir ações concretas e eficazes. Tão avançado em várias



áreas, nesta o Brasil está mal. Tem um passivo imenso, que não será eliminado da noite para o dia, é claro. O fato é que precisamos atuar com mais objetividade, pois, do contrário, as estatísticas estarrecedoras das mortes de jovens, para vergonha de nosso País, só farão aumentar.